



As Cantarias do Sítio Roberto Burle Marx / RJ
Sítio Roberto Burle Marx's Stonework / RJ

Yanara Costa Haas

*Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sítio Roberto Burle Marx.
Estrada Roberto Burle Marx, 2019. 23020-240, Barra de Guaratiba, Rio de Janeiro, RJ.
E-mail: yanara@iphan.gov.br*

Recebido em: 14/09/2011 Aceito em: 16/04/2012
DOI: http://dx.doi.org/10.11137/2012_1_80_89

Resumo

O objetivo deste artigo é levar ao conhecimento do público as obras do paisagista e artista plástico Roberto Burle Marx elaboradas com pedras de cantaria no antigo Sítio Santo Antonio da Bica em Barra de Guaratiba/RJ. Pesquisas em antigos documentos, entrevistas com amigos e funcionários do atual Sítio Roberto Burle Marx do IPHAN, além dos levantamentos métrico e fotográfico foram os meios utilizados para compor este trabalho. Muitas discussões podem derivar desta pesquisa, desde o estudo geológico das pedras ao conceito estético de aplicação moderna das pedras de demolição das construções coloniais.

Palavras-Chave: arquitetura; arte; cantaria; patrimônio; sítio Roberto Burle Marx

Abstract

The aim of this paper is to inform the public Roberto Burle Marx's artistic works in landscape and stone work in the ancient Sítio Santo Antonio da Bica in Barra de Guaratiba/RJ. Researches of historic documents, interviews with friends and employees of the current Sítio Roberto Burle Marx beyond metric surveys and photographs were used to compose this work. Many discussions still may derive from the geological and the aesthetic concept of the modern use of demolitions stonework.

Keywords: architecture; arts; stonework. Heritage; sítio Roberto Burle Marx

1 Introdução

Desconhecido da maior parte do público, o fascínio do grande paisagista Roberto Burle Marx pela natureza foi traduzido não somente através das plantas, mas também através da arte com pedras. Contrapondo à suavidade e à modernidade dos planos paisagísticos, este renomado brasileiro utilizou-se de inúmeras peças de cantaria aplicadas em edificações do Rio de Janeiro do século XIX para compor idéias arquitetônicas e paisagísticas no local de sua propriedade e moradia: o Sítio Roberto Burle Marx.

Este surpreendente espaço com aproximadamente 400 (quatrocentos) mil metros quadrados é uma de suas melhores composições. Doado em 1984 ao Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional/IPHAN, o sítio foi duplamente protegido por lei através de tombamento estadual e federal por seus valores etnográfico e artístico. O local serve hoje como centro de pesquisa para a comunidade científica e visitação pública para milhares de turistas.

Este estudo foi concebido sob a ótica da composição arquitetônica das edificações considerando a cantaria um elemento integrado a esta estrutura construída.

2 A História

2.1 Burle Marx

Nascido em 4 de agosto de 1909 o menino Roberto era o quarto de uma família de seis irmãos. Burle pela mãe pernambucana e Marx por parte do pai alemão, o mais famoso paisagista do Brasil nasceu em São Paulo, mas adotou o Rio de Janeiro como sua permanente moradia.

Sob grande influência de seus pais, Roberto Burle Marx (Figura 1) adquiriu de sua mãe, Cecília



Figura 1 Roberto Burle Marx assinando um de seus desenhos (acervo SRBM/IPHAN/MinC s/data).

Burle, o gosto para tratar de plantas e, de seu pai, Wilhelm Marx, o dom artístico. Ainda criança produz desenhos expressivos e aos dezenove anos inicia estudos ligados às artes, desta vez na Alemanha. Na maturidade Burle Marx demonstra seu talento para as mais diversas formas de arte, como pintura e escultura, mas seria efetivamente no paisagismo que este artista revela-se genial, enfocando este trabalho como mais uma forma de expressão artística.

2.2 Do Engenho de Café aos Jardins de Burle Marx

Belchior da Fonseca Dória e sua família fixam residência na zona oeste do Rio, em Guaratiba, sendo que, pouco antes da sua morte, em 1681, fez erigir uma capela dedicada a Santo Antônio. Belchior nasceu em 1610 em Santo Amaro da Ipitanga, sendo descendente de Clemência Dória, uma Genovesa criada em Portugal que chega como órfã em 1553 à Bahia com D. Duarte da Costa. Estas informações foram selecionadas por um pesquisador em genealogia, João Rodrigo Pope, estudando a família Dória e seus antepassados (Dines, 1992; Dória, 1994).

Consta também que seu terreno era um rico engenho de café. Conhecido originalmente como Engenho da Bica por abrigar uma nascente de água potável franqueada aos moradores locais, após a construção da capela passa o imóvel a ser denominado Sítio Santo Antonio da Bica.

Deste momento até a data da aquisição por Roberto Burle Marx, em 1949, nada se pesquisou sobre o terreno. Através de documentos oficiais históricos - as escrituras pertencentes aos arquivos do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional/IPHAN -, sabemos que a atual feição do imóvel, se formou em três momentos. Primeiro, em 1949, Roberto encomendou ao seu irmão Siegfried que encontrasse um terreno com presença de água, pedras e formação geológica adequada ao solo (Frota, 2009) para proceder à transferência da sua grande coleção de espécimes botânicas. Ao encontrar o terreno referente ao Sítio Santo Antônio da Bica, em área ainda floresta com relevo diversificado e diversos afloramentos graníticos, fez-se a primeira aquisição. Posteriormente, em 1959 e 1976 os sócios e irmãos Marx completaram a forma do terreno que hoje configura o Sítio Roberto Burle Marx. Com 328 (trezentos e vinte e oito) metros de largura na frente e mais de 1 (um) quilômetro de comprimento nas laterais entre a rua e a vertente do morro, o terreno conta atualmente com 407 mil metros quadrados.

Situado no Morro do Capim Melado, do Maciço da Pedra Branca, dentro do bairro de Barra de Guaratiba, área rural do Rio de Janeiro, o terreno foi escolhido também devido à existência de plantas tropicais autóctones típicas da Serra do Mar (Frota, 2009). Um dos requisitos, a pedra, era fundamental porque era um dos símbolos mais nobre da sociedade entre os irmãos Marx (Kamp, 2009). Este autor relata que “a família vivia cercada de obras e muros de pedra e na construção do Sítio não foi diferente: a primeira reforma da casa com grandes varandas de pedras, placas de costaneiras, vindas do Maciço da Tijuca”.

Mesmo distante do centro do Rio de Janeiro, considerada área rural, o sítio foi adquirido para servir de laboratório botânico e paisagístico (Dias, 2008). Situado a mais de quatro horas de seu primeiro espaço de trabalho e moradia, a chácara no morro do Chapéu Mangueira, no Leme/RJ, o Sítio recebeu espécies que foram replantadas, transformando o novo terreno em um local especialmente raro.

Em 1973, o paisagista mudou-se definitivamente para o sítio de Guaratiba e construiu diversos espaços para usufruto e guarda de seu acervo artístico. Certo que após a sua morte haveria grande perda e dissipação dos acervos tão

carinhosamente produzidos e colecionados, Roberto Burle Marx doou, em 1984, toda a sua propriedade ao então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, transformando-se no primeiro diretor da nova instituição pública, o Sítio Roberto Burle Marx (Figura 2).

A atual ocupação do terreno conta apenas com 50% da área total, delimitada entre o muro frontal e a cota 100 – algo em torno de 600 metros lineares em profundidade. Neste espaço de aproximadamente 200 mil metros quadrados estão distribuídas variadas composições paisagísticas, artísticas e arquitetônicas utilizando pedras afloradas e de cantaria de demolição. Estas são as mais queridas produções de Burle Marx.

3 Cantaria no Rio Antigo 3.1 Cantaria

Quando se trata de pedras utilizadas em construções, a palavra **cantaria** é o termo mais utilizado nas bibliografias.

Nos glossários específicos para os profissionais que atuam em restauração a palavra é definida como **o trabalho ou o processo de trabalho** em pedra



Figura 2 Sítio Burle Marx – planta baixa indicativa dos espaços arquitetônicos (acervo SRBM/IPHAN/MinC em 2012).

aparelhada, entalhada ou afeiçãoada cuidadosamente. São pedras regularmente lavradas e aparelhadas segundo as regras da estereotomia (Corona & Lemos, 1972), esta definida como a arte de cortar com rigor os materiais de construção. Desta forma, *cantaria* é a pedra na forma trabalhada inserida na construção como revestimento ou como estrutura, devendo cada peça ocupar o lugar que lhe foi previamente estabelecido (Haas, 2003).

Desde a antiguidade a pedra é utilizada com o objetivo de eternizar uma ideia ou uma manifestação humana. A perenidade da matéria permitiu trazer até os nossos tempos peças com muitas significâncias. Pela imagem de força, robustez e perenidade construíram-se fortalezas, fortes e aquedutos. Pela graça e qualificação artística, utilizou-se como ornamento, elemento artístico, agregando valor de requinte e sofisticação à edificação.

3.2 Rio de Janeiro Colonial e Neoclássico

Com influência italiana de afeiçoamento da pedra para utilizá-la como alvenaria e como peça ornamental das edificações, os colonos portugueses utilizavam os calcários brancos Lioz ou Extremoz, pedras relativamente fáceis de trabalhar. No Brasil, a sua utilização data do tempo da colonização quando grandes blocos sólidos sem afeiçoamento prévio serviam de lastro para as embarcações portuguesas que aqui aportavam. O peso e a solidez dos blocos serviam para manter a estabilidade do navio.

As pedras calcárias portuguesas foram inicialmente aplicadas na construção das fortalezas, pontes e edificações oficiais como peça estrutural pouco afeiçãoada. A importação de pedras lavradas passa a ser uma prática do Brasil colônia tendo em vista a dificuldade de trabalho pela escassez de instrumentos e pela dureza das pedras cariocas – granitos e gnaisses.

Segundo Alvim (1996) a cantaria colonial que passa a ser adotada na arquitetura religiosa “sempre foi utilizada para marcar os principais elementos estruturais da edificação”.

No século XIX a monumentalidade dos edifícios de estrutura colonial e feição neoclássica passam a exigir trabalhos decorativos compatíveis com as características do novo estilo arquitetônico. A mão de obra, mais preparada para dominar a pedra local, já executa verdadeiras obras de arte. Nos revestimentos das paredes externas, em lugar da massa de cal, é comum a cantaria aparelhada, com bossagens, acentuando os corpos centrais, os cunhais e outras partes da composição (Figuras 3 e 4). Como elemento integrado a cantaria está presente nas fachadas enquanto adorno e estrutura de portas, janelas, escadas e seus guarda-corpos (Haas, 2003).

São estes elementos integrantes da arquitetura antiga que Roberto Burle Marx adquire em diversas demolições para compor com seus jardins uma nova concepção de arte arquitetônica.



Figura 3 Casario colonial do séc. XVIII .
Fotografia Yanara Haas, 2012



Figura 4 Portal da Academia de Belas Artes (séc. XIX).
Fotografia: Yanara Haas em 2002.

4 Arquitetura e Paisagismo com Cantaria no SRBM

Na forma de fachada, murada de arrimo e composição de lagos, as pedras ornaram os mais belos canteiros científicos do mundo. Desde que adquiriu o terreno, Burle Marx encantou-se com as benfeitorias humanas, mas as belezas naturais eram insuperáveis. Muitos afloramentos graníticos estavam ainda encobertos pela vegetação nativa, mas sua inquieta curiosidade descortinou e explorou estes elementos.



Figura 5 Sítio Roberto Burle Marx. Jardim saxícola na região da Casa Principal, buscando explorar a policromia e texturas diferenciadas (acervo SRBM em 2012).

4.1 Paisagismo nas Pedras

Uma seção especial do paisagismo do Sítio Roberto Burle Marx são os jardins saxícolas, ou seja, aqueles compostos de flora incrustadas nas pedras ou pequenos rochedos (Frota, 2009). É uma feliz composição dos afloramentos rochosos graníticos com a flora destacada da região, como a bromélia-galho, o antúrium-da-pedra, a orelha-de-lebre e a *Vellozia lanata* Pohl (Figuras 5 e 6). Todas bem adaptadas devido às condições de solo, insolação em tempo mediano e blocos graníticos com reentrâncias que permitem melhor fixação das espécies (Frota, 2009). Nada se equipara à beleza desses elementos naturais somadas à estratégia plástica de utilizar a vegetação local, inseridas por Burle Marx (Frota, 2009).



Figura 6 Bromélias e outras espécies adaptadas às pedras aflorantes, compondo o paisagismo dos lagos do Sítio Roberto Burle Marx/RJ (acervo SRBM em 2012).

4.2. Arquitetura com Cantaria

As constantes reformas e adequações realizadas por Burle Marx desde a aquisição do sítio foram marcadas pelo uso de pedras graníticas lavradas de variadas demolições. A maior parte, com origem ignorada, foi utilizada para compor novos espaços arquitetônicos.

Próximo à casa antiga (hoje denominada Casa Principal) e ao local da capela de Santo Antonio (Figura 7), o paisagista compôs espaços integrando pedra e terreno utilizando cantaria de demolição em escadaria, muradas e totens (Figura 8).

Na varanda frontal à Casa Principal – local em que morava e ampliou diversas vezes - construiu um muro de arrimo para sustentar um espelho d'água com espécies da flora aquática. O muro foi erguido com peças de demolição de procedência ignorada, encaixadas aleatoriamente de forma a demonstrar volumes, cheios e vazios nos dois



Figura 7 Capela de Santo Antonio no Sítio Roberto Burle Marx (década de 50), antes das intervenções do paisagista (acervo SRBM/IPHAN/MinC).



Figura 8 Vista aérea do Sítio Roberto Burle Marx após as intervenções que inserem os elementos de granito na nova escadaria, em muradas e totens em cantaria. À esquerda nota-se a Casa Principal e sua varanda frontal e à direita, a Capela com as novas escadarias, muradas e totens (acervo SRBM/IPHAN/MinC).

lados (Figuras 9 e 10). Na mesma casa, ele instalou escadas e uma bela portada com alisares em pedra

granítica, enobrecendo o acesso à sala da coleção das cerâmicas do Vale do Jequitinhonha.



Figura 9 Casa principal - muro de arrimo do lago - lado externo (acervo SRBM/IPHAN/MinC em set. 2011).



Figura 10 Casa Principal - Muro de arrimo do lago (acervo SRBM/IPHAN/MinC).

Junto dali, no seu antigo ateliê de estamparia, foram montados cinco arcos de cantaria granítica caracterizando o espaço como uma *Loggia*, ou seja, uma galeria coberta e semicerrada lateralmente por uma arcada (Figura 11).

Exatamente atrás destas construções, projetou um salão de festas semiaberto, com cobertura em laje de concreto, porém com áreas de sanitários

e frigoríficos delimitados por paredes de pedra granítica lavrada em cantaria (Figuras 12 e 13).

Este salão, hoje denominado Cozinha de Pedra (Figura 13), foi construído na década de 1960 e premiado, enquanto projeto pelo seu caráter de modernidade, pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil – IAB. Seus arquitetos, Rubens Breitman e Haroldo Beltrão eram sócios de Burle Marx no escritório de projeto.



Figura 11 *Loggia* – antigo ateliê de estamparia (acervo SRBM/IPHAN/MinC).



Figura 12 Cozinha de Pedra: salão de festas (acervo SRBM/IPHAN/MinC em 2009).



Figura 13 Detalhe da alvenaria de cantaria (acervo SRBM/IPHAN/MinC em 2009).

Por último, em promontório na cota 50, construiu seu Ateliê de Pintura em arquitetura moderna com fachada também de pedra granítica desmontada e trasladada de prédio colonial no centro da cidade do Rio de Janeiro. Por indicação de seu amigo e orientador, o arquiteto Lúcio Costa, Roberto Burle Marx adquiriu uma fachada em cantaria de sobrado colonial na Rua de São Bento (Figura 14), centro do Rio de Janeiro. Com a idéia de se mudar para outro local dentro do próprio terreno, remontou a fachada (Dias, 2008), sem as esquadrias,



Figura 14 Fachada de sobrado do século XIX, na Rua de São Bento, centro da cidade do Rio de Janeiro (acervo SRBM/IPHAN/MinC sem data).

sobre um retângulo de concreto seguindo o desenho que a empresa de demolição havia lhe fornecido (Figura 15). A complementação de sua ideia veio com o projeto do novo ateliê, com autoria de Acácio Gil Borsoi, Janete Costa e do próprio Burle Marx na década de 90. Juntando peças de cimento para completar novos arcos, a fachada de seu novo ateliê-casa, ou como hoje chamamos Ateliê de Pintura, transformou-se em um ícone da arquitetura moderna (Figura 16).



Figura 15 Fachada em construção no SRBM no ano de 1990 (acervo SRBM/IPHAN/MinC).



Figura 16 Ateliê de Pintura do Sítio Roberto Burle Marx. Fotografia: Yanara Haas em 2008.

5 Conclusão

Muito há o que estudar sobre os elementos pétreos utilizados no Sítio Roberto Burle Marx, desde uma leitura de composição estrutural e formal, considerando cada pedra em relação aos cheios e vazios, como também identificar a efetiva natureza geológica das rochas e a origem das construções. No entanto, certo concluir que estas obras são exemplos de modernidade, criadas por um artista visionário na questão estética. Um preconizador de conceitos e ideias. O uso das pedras de cantaria de demolição em sua propriedade são elementos de grande relevância ao patrimônio cultural geológico do Rio de Janeiro.

6 Referências

- Alvim, S. P. F. 1996. *Arquitetura religiosa e colonial no Rio de Janeiro*: Volume I – revestimentos, retábulos e talha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1.269p.
- Corona, E. & Lemos, C. 1972. *Dicionário da arquitetura brasileira*. São Paulo: EDART, 472p.
- Dias, R. 2008. *Patrimônio Paisagístico do Sítio Roberto Burle Marx: Uma visão geográfica*. Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese do Doutorado, 141p.
- Dines, A. 1992. *Vínculos do Fogo, Antônio José da Silva, o Judeu e outras Histórias da Inquisição em Portugal e no Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo, 1.056p.
- Dória, F.A. 1994. *Os herdeiros do poder*. Editora Revan, 166p.
- Frota, L.C. 2009. Roberto Burle Marx: Um brasileiro planetário. *Revista Folha*, 19: 4-31.
- Haas, Y. 2003. *Tecnologia da Conservação de Pedras: Uma sistematização dos procedimentos para conservação dos elementos de fachada*. Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, 191p.
- Kamp, R. 2009. Roberto Burle Marx e seus pais, Cecília e Wilhelm. *Revista Folha*, 19: 34-43.